

CRÔNICA

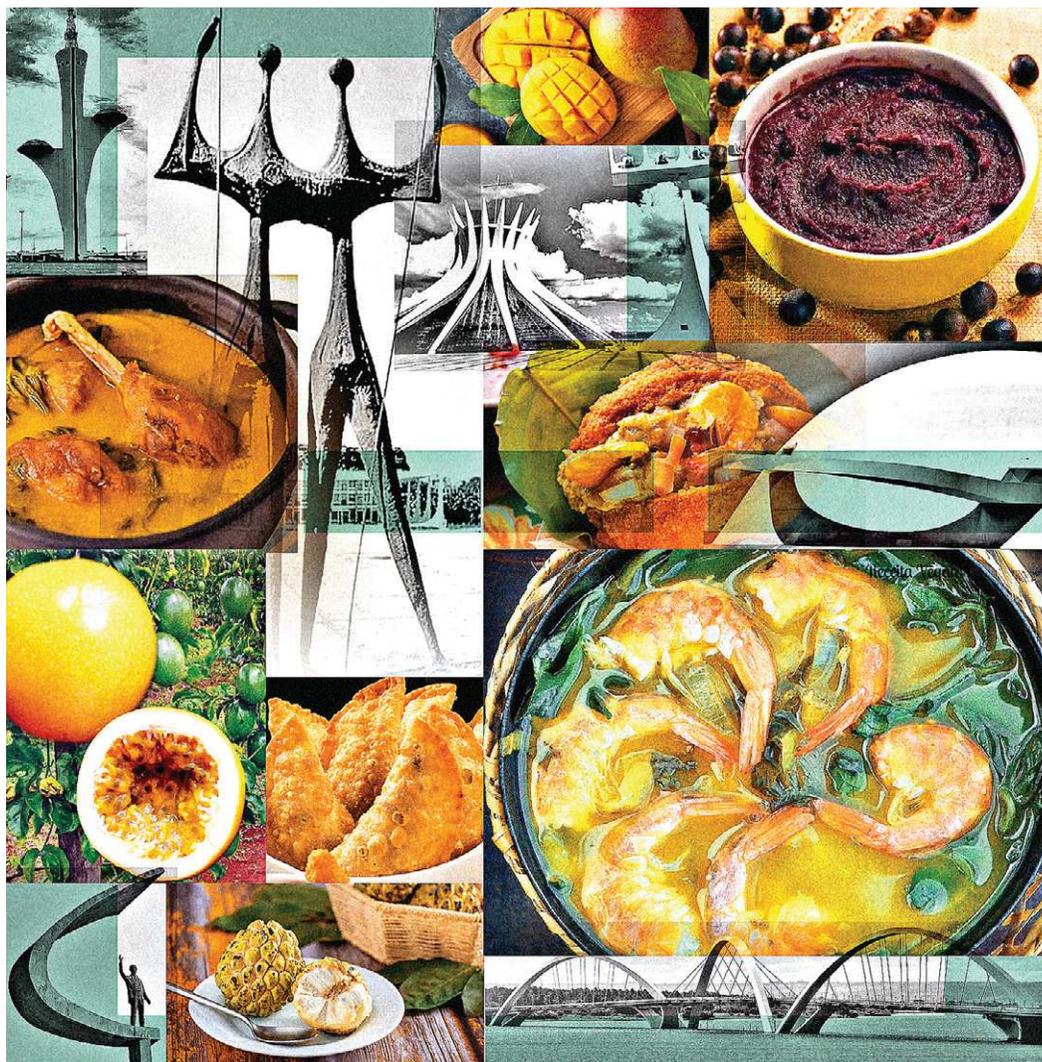
Laerte Rimoli • laerterimoli1000@gmail.com



Brasília 65, prêt-a-porter

A Dorinha traz iguarias amazônicas — pato no tucupi, tacacá, açai. O Valmir serve as melhores frutas — maracujá do Verrado, pinha e mangas cheirosas. Há uma banca de pastéis fumegantes que, enxundiosos, pingam óleo no freguês. Acarajé e vatapá no “food truck” da baiana. Cenas típicas de uma feira livre, como ocorrem nas cidades comuns do país. Mas em Brasília, na Asa Sul, esse evento tem significado maior. A capital federal não é comum. O burburinho das compras, no gramado ao lado de um bloco residencial, é um dos condimentos que dá brilho e bulversa essa jovem senhora de 65 anos. A ocupação de espaços públicos se transforma em convivência amorosa: “tá bem, te aceito como tu és”. Cai por terra a falácia da cidade gelada. O cidadão assume o apreço pelo lugar que o acolheu. Porque hoje é sábado.

No domingo, a Brasília viva e pulsante se manifesta a cinco minutos da feira, no furdução do Eixão. Camas elásticas, futebol desajeitado, bancas de comida, chorinho e samba se confundem na praia



do Cerrado. Os gramados, salpicados de árvores com sombras generosas, amenizam o impacto do concreto circundante. Patins, crianças, bicicletas, triciclos, convivem em harmonia. O brasileiro que vem de longe para

enfadonhas reuniões de trabalho e se instala nos setores hoteleiros Sul e Norte, tem visão distorcida da metrópole. A lógica aqui é diferente: grandes vãos, céu limpo e azul, árvores frutíferas — manga, abacate, amora ao alcance

das mãos. Sem o desagradável odor da poluição, sem buzinas. Ah, os ipês.

Os personagens do cotidiano brasileiro traduzem a diversidade e miscigenação, marcas registradas do país e da capital. Vivas aos cariocas, mineiros,

goianos e nordestinos que aqui chegaram. A andari-lha Joana, de cabeça branca, que singra pelas quadras 200-Sul, bebericando vinho, com elegância desleixada. O misterioso luxemburguês Daniel, de cabelos alinhados e olhos azuis, acento típico francês que, em situação de rua, gravita em torno de dois supermercados de quadra. Como é bom encontrar o suave Laplace, onipresente na vida cultural candanga. E chegamos ao ponto. Para deixar de ser aglomeração e entreposto, uma urbe precisa traduzir o sentimento do seu povo. A arte cumpre esse papel.

Perdemos, na semana que passou, um arauto da alma cerratense. O criador de um dos maiores festivais de teatro do país, o Cena Contemporânea. Guilherme Reis foi ator, produtor cultural, dramaturgo, secretário de Cultura. “Já não é mais possível pensar o teatro brasileiro apenas no eixo Rio-São Paulo”, defendia o Guila. Gentil, agregador, acessível. Tá um brasileiro da gema. Tocou a vida com afeto abundante. Ajudou a tornar Brasília “prêt-a-porter” para o mundo. Um beijo na Carmen. Ela honrará seu legado.